

Saúde

17 JUN 1994

JOSÉ ARISTODEMO PINOTTI

ESTADO DE SÃO PAULO

Um novo paradigma



Informado e educado, o cidadão se torna seu agente de saúde

Foi completamente alterada a hierarquização dos fatores que mantêm a saúde ou que causam doença e morte com essas novas formas de avaliação. Os hábitos de vida e reprodutivos passaram a ser responsáveis por 50% dos anos de vida perdidos; o meio ambiente e sua influência sobre as pessoas, por 20%; a genética, por outros 20%; e o sistema de saúde, que tem sido a principal preocupação, apenas por 10%.

Essas pesquisas deverão revolucionar os fundamentos da medicina e, portanto, o seu paradigma. Passa-se de um conceito biomédico e cartesiano, amplamente aceito, para um paradigma sócio-ecológico, que recupera o modelo chinês, e mesmo o hipocrático, de saúde e doença. De acordo com este último, que nasceu 400 anos antes

de Cristo, na ilha grega de Cós, a saúde resultava do equilíbrio do indivíduo com os fatores ambientais, como vento, temperatura, água, solo e comida e o modo de viver e de se reproduzir, que não é outra coisa senão o estilo de vida.

Disso decorre grande relevância à prevenção primária relacionada com os hábitos de vida mais do que a própria detecção precoce das diferentes enfermidades, também chamada de prevenção secundária.

A ilação prática decorrente do novo paradigma é que, hoje, é mais importante transferir informações e educar a população para a saúde do que somente assisti-la. O novo paradigma sócio-ecológico não substitui o biomédico: ele o engloba, o amplia e exige dele qualidade.

Por esses novos conceitos em prática é simples e tem uma única direção — a educacional — e múltiplas facetas: desde o ato médico, que, para ser completo, deve incorporar transferência de informações, o que significa diminuição do excessivo poder médico, criticado por Fou-

cault, até o papel responsável da mãe, como prestadora de serviço, passando pelas escolas e salas de espera de ambulatórios e hospitais, onde se deve exercer uma tarefa pedagógica em saúde. O cidadão, informado e educado, tornar-se-á o seu próprio agente de saúde, consciente também de que saúde é um direito, e não um favor, como tem rezado distorcidamente a cultura nacional. Trata-se de mudança política e cultural e, por isso, difícil, mas que, se concretizada, proporcionará um relevante avanço em saúde e qualidade de vida.

Os países subdesenvolvidos têm se caracterizado por assumir modelos que repetem os erros históricos dos desenvolvidos, sem aproveitar a enorme oportunidade que têm de saltar etapas no processo. Na saúde, é possível fazê-lo, até porque não se trata de projetos caros ou de alta tecnologia, mas simplesmente de entender e assumir no concreto um novo paradigma.

■ José Aristodemo Pinotti, médico, foi secretário de Saúde do Estado de São Paulo